

Suzana Alves Viana

" Sobre a Problemática da Contra-Transferência na Clínica Psicanalítica: Um recorte. Uma Reflexão." Discussão teórico-clínica que poderá ser continuada através da constituição de grupo de Estudo.

Nota: A questão que atravessa e abre este grupo é: contratransferência contra a transferência? ou contratransferência a favor da transferência? Em outras palavras, o que se deseja neste grupo é percorrer a questão do lugar do analista na transferência e seus avatares, os enfrentamentos, os distanciamentos, os estranhamentos, bem como as colagens, nas quais o analista se sente submetido ou submetendo quando procura um lugar para escutar um tempo: aquele da história contada na transferência. O encontro acontecerá a cada 15 dias e deverá ter início em maio de 1992.

Dia 05 de maio (3ª Feira)

Marília de Freitas Pereira

" Terapia Familiar: Diagnóstico e Indicação".

Discussão de material clínico.

Dia 18 de maio (2ª Feira).

Durval Mazzei Nogueira Filho

" O Freud de Lacan" - Palestra de apresentação e Introdução a um grupo de trabalho planejado para o 2º semestre.

- ATENÇÃO -

Para viabilizar a continuidade das atividades, pedimos a colaboração de CR\$ 5.000,00 para cada encontro.

LEITURAS:

TEMA: VIOLÊNCIA DO ENCONTRO

O homem surgiu, e, junto com ele surgiram as histórias e as analogias. Como pertencem a espécie

Homo Sapiens, não posso fugir a estas generalizações, portanto tenho histórias para contar e analogias para fazer.

Isto me faz lembrar de dois encontros que tive, com alguns anos de diferença entre eles e que tiveram características insólitas pelos sentimentos em mim mobilizados. Estou na realidade falando do meu encontro com o "Projeto" (Freud 1895) e com a " Violência da Interpretação" (Piera Aulagnier 1975). Noventa anos separam um trabalho do outro porém as emoções não levaram em conta tal hiato.

Não sei exatamente qual a ponte que se criou em minha mente com a leitura dos dois textos, porém o que lembro são as emoções suscitadas. Tenho algumas explicações que não me satisfizeram, como: a densidade e complexidade de ambos; a massa enorme de informações em tão pouco espaço; a maneira como ambos foram escritos que não dá margem para que o leitor desavisado respire ou descanse entre uma palavra e outra, entre uma frase e a seguinte ou entre os períodos, deixando-o atônito e desorientado. Mas será que é por conta disto que são mobilizadas emoções tão intensas? Como faço parte também da espécie do "Homo Psicanalítico", não me furtei a uma interpretação, mas gostaria de comentá-la mais tarde. No primeiro contacto o impacto foi tanto que tive vontade de deixá-los de lado e foi o que realmente fiz com ambos. Deixei-os de lado com um misto de raiva, cansaço e irritação. Mesmo que se saiba que ambos são textos basicamente metapsicológicos e que a metapsicologia é um terreno árido e difícil de se caminhar, acho que estes trabalhos têm algo a mais que nos sobrecarrega e este algo a mais são as emoções e os sentimentos suscitados. Estas reações são consequência de se sentir violentado a cada momento e é por isso que se tem necessidade de uma parada inicial. Num segundo momento é aconselhável que se volte ao texto lentamente ou que apele a um amigo para minimizar o impacto e foi o que fiz. Desta maneira você vai caminhando lentamente, desafiando a cada momento os perigos encontrados pelo caminho. Porém, a medida que, nesta viagem, vamos desbravando, página por página, capítulo por capítulo, e penetrando gradativamente nas emaranhadas florestas do pensamento de ambos autores, um novo sentimento aos poucos vai surgindo. Um sentimento de

perplexidade, encantamento e fascinação, de tal maneira, que dificilmente se consegue sair deles. Basta dizer que em um permaneci três anos e no outro já estou há um ano. Vejo agora que para passar para o segundo momento, tem-se de vencer um sentimento muito maior, a inveja de não tê-los escrito. Apesar de todos acidentes de percurso aconselho estas duas viagens, porém não me responsabilizo pela integridade dos leitores. Não acredito que alguém saia ileso após tal percurso, não acredito que alguém seja o mesmo depois de lê-los, portanto ame-os ou deixe-os.

Ede de Oliveira Silva.

Professor do Curso de Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

QUEM SOU EU, AGORA QUE HANNA ESTÁ AÍ? (A fobia e o caso do pequeno Hans).

Dentre os diversos casos analisados por Freud, destaca-se pela importância teórica o caso do pequeno Hans, como passou a ser conhecido no meio psicanalítico o *Relato da Análise da fobia De Um Menino De 5 Anos* (1909).

Das primeiras observações de Hans, quando ainda não tinha completado 3 anos de idade, chama a atenção a frase enunciada por ele: "Mamãe, você também tem esta coisinha de fazer pipi? Ao que a mãe responde: Naturalmente" (Freud, 1909).

Essa fala remete à questão fundamental que o pequeno Hans se colocava com veemência: ter ou não ter pênis. Mas, ao falar em pênis, do que está falando o pequeno? Sua pergunta encerra uma preocupação relativa a ter ou não ter um órgão, anatomicamente falando? Ou sua preocupação está referida a outra coisa? Por que tal pergunta é tão importante para ele e para todas as crianças que a enunciam?

Muito tempo se passou, da época da interpretação do caso por Freud até os dias de hoje. Muito se falou e se escreveu sobre o caso. Autores

contemporâneos, notadamente os da chamada vertente psicanalítica francesa - referência adotada neste trabalho - trouxeram interessantes contribuições para uma nova compreensão desta questão e de outros fatores envolvidos no chamado *complexo de castração*, mas também uma nova forma de interpretar a questão da fobia, notavelmente ilustrada no caso do pequeno Hans.

Nos três ensaios, Freud enfatiza de forma original a importância do outro na estruturação do psiquismo. A idéia lá apresentada tem sido bastante desenvolvida nos escritos sobre a psicanálise e hoje tem-se uma relativa compreensão sobre vários dos aspectos envolvidos nas relações que o ser humano estabelece no início da vida. Essas relações dão-se num contexto característico, isto é, a criança encontra-se num estado de desamparo frente a um outro que pode aplacar tal estado, através dos cuidados a ela dirigidos. Paralelamente aos cuidados físicos exercidos sobre a criança, esta recebe um intenso investimento afetivo e libidinal por parte de quem cuida dela. Diz Freud:

"A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seus cuidados proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é especialmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual, ela acaricia-a, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como substitutivo de um objeto sexual completo.⁽¹⁾

É um momento no qual a mãe parece ver esta criança como algo que a completa totalmente: um falo. A criança parece ser reconhecida não como um ser de vida própria, mas principalmente como objeto revestido pela imagem remanescente do narcisismo materno, após um longo período de perdas. É assim que esta criança assume um aspecto imaginário, que parece restituir à mãe as perdas que teve de enfrentar e é neste contexto e com este papel que a criança inscreve-se na complexa trama estruturada pelo desejo materno. Só resta a esse ser, totalmente dependente e desamparado, responder a esse desejo, identificar-se com esse lugar de completude que lhe

⁽¹⁾ *Três ensaios para uma teoria sexual*